

Albano Martins

Assim a Cal, Assim o Musgo

Desenhos de Manuel Malheiro

Fundação Eng. António de Almeida

Poemas de Albano Martins e desenhos de Manuel Malheiro integram *Assim a Cal, Assim o Musgo*, álbum com introdução de Laura Castro. Uma obra de inegável qualidade que surge por iniciativa da Fundação Eng. António de Almeida (Porto). Momento para (e nunca será de mais) poder celebrar-se o verso de um dos maiores poetas portugueses contemporâneos que, ao longo de seis décadas de vida literária tem desenvolvido, na arte de “tecer / o vazio”, uma consciência poética luminosa pelo modo como enraíza na palavra a dimensão ontológica e a partir daí funda o esplendor da síntese, do silêncio e da metáfora: “Com este lápis / desenharei / o espaço, acenderei / alguma brasas / aquecerei / a nudez do sol.”

Três dezenas de livros publicados entre poesia e prosa (o primeiro, *Secura Verde*, em 1950), Albano Martins é, também, um nome de referência na tradução, nomeadamente de autores como Pablo Neruda e Giacomo Leopardi. Há pouco tempo, surpreendeu os leitores ao entrar na roda da literatura infantil com *Uma Casa à Beira da Floresta*, fábula de reflexões para todas as idades, bebendo da “poética do sensível”, essa matriz da escrita de Albano (assim definida num dos melhores ensaios sobre a sua obra, realizado por José Fernando de Castro Branco).

Voltamos a realçar o álbum *Assim a Cal, Assim o Musgo* para igualmente se falar de uma outra forma de escrever os sentidos: os desenhos de Manuel Malheiro são o traço que, na espiral e nos labirintos, cria o não-limite do olhar, o lugar da incessante descoberta.